

CONN
IGGULDEN

O
FALCÃO
DE
ESPARTA

TRADUÇÃO
MARIA BEATRIZ DE MEDINA



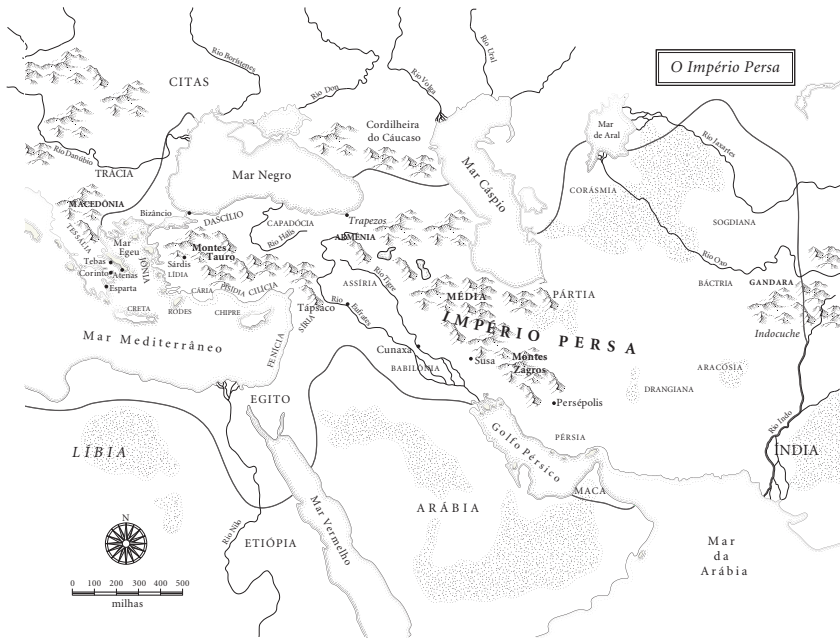
EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

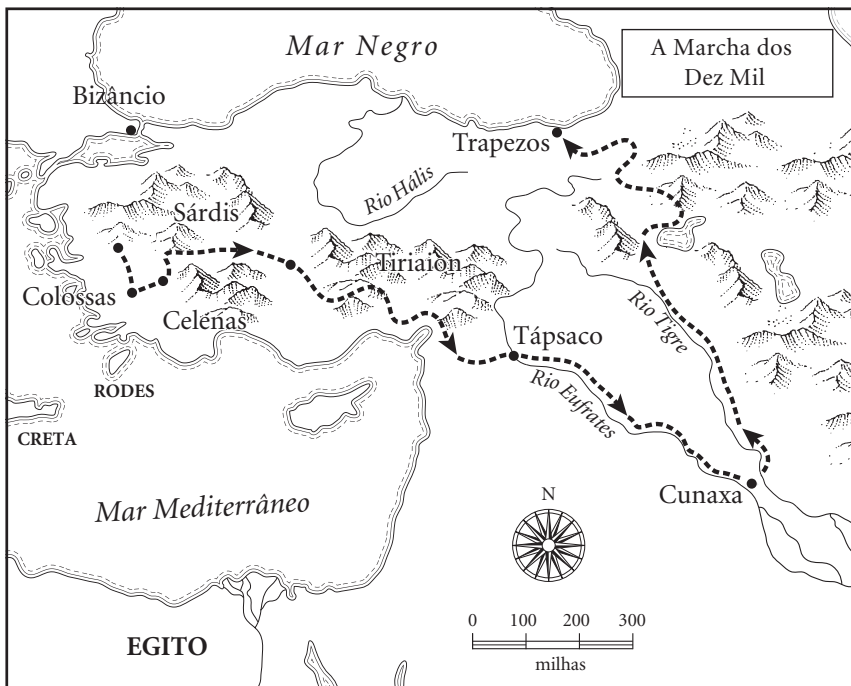
2021

A meu filho Cameron,
que foi comigo a Esparta.

Em 401 a.C., o rei persa governava um império que ia do mar Egeu ao norte da Índia. Seus súditos chegavam a cinquenta milhões de pessoas — e seus exércitos eram vastos.

Num trabalho conjunto em terra e mar, só Esparta e Atenas conseguiram rechaçá-los.





Prólogo

Na Babilônia, os estorninhos abriam os bicos no calor, mostrando a língua escura. Para além das vastas muralhas da cidade, o sol se lançava sobre os trabalhadores nos campos, esmagando-os.

Enquanto andava pelo meio da rua, o Grande Rei exibia um brilho na pele, se de óleo ou suor o filho não saberia dizer. A barba do pai reluzia em cachos negros definidos, tão parte dele quanto o odor de rosas ou a longa capa em painéis que usava.

O ar cheirava a pedra quente e ciprestes, como lanças contra o céu. As ruas em volta tinham sido esvaziadas dos que moravam lá. Nenhuma criança, nenhuma velha, nenhuma galinha foi deixada para arranhar a terra enquanto os soldados imperiais limpavam o caminho para o rei andar. O silêncio era tão pesado que o menino ouvia passarinhos cantarem.

A rua Ningal fora coberta com macios ramos de palmeiras, espessos sob os pés e ainda verdes. Nenhum mau cheiro interromperia a conversa nem distrairia o homem mais velho nesse momento de instrução. Seu propósito era a sobrevivência da própria linhagem, e ele não permitira que cortesãs nem espões se aproximassem o suficiente a ponto de escutar. Os seus capitães pensavam que um capricho real os mandara limpar os bairros dos dois lados naquela manhã, muito antes que o sol nascesse. A verdade era que algumas palavras não podiam ser ouvidas. O rei sabia que havia muitos ouvintes na corte. Havia simplesmente sátrapas demais, rei-

nos demais cuja coroa ele esmagara sob as suas sandálias. Noventa governantes pagavam espiões para escutar, enquanto mil cortesãos brigavam por cargos. O prazer simples de caminhar sozinho com o filho, como qualquer pastor poderia fazer, se tornara um luxo tão grande quanto rubis, tão valioso quanto as grossas moedas de ouro chamadas de “arqueiros” que levavam a imagem do rei Dario por todo o império.

Enquanto os dois andavam, o menininho enviava olhares furtivos na direção do pai, adorando-o e confiando nele para tudo. O jovem Artaxerxes igualou seu passo ao do rei, embora com isso tivesse de acrescentar meio passo de vez em quando, pulando para acompanhá-lo. Dario parecia não notar, embora Artaxerxes soubesse que o pai perdia pouquíssima coisa. O segredo do seu longo reinado residia na sua sabedoria. Se algum dia pedissem a opinião do menino, ele diria que o pai nunca errara.

Nos dias de tribunal, o rei julgava os seus nobres mais poderosos, homens cujos exércitos chegavam às dezenas de milhares de soldados e que governavam terras de jade e marfim tão distantes quanto a Lua. Dario escutava e passava a mão pela barba, deixando os dedos brilhantes. Esfregava polegar e indicador ou pegava uma uva de um prato dourado seguro por um escravo ajoelhado aos seus pés. E, assim, Dario via através do âmagô do problema enquanto os seus conselheiros ainda sopesavam e discutiam. Artaxerxes queria essa visão extraordinária, e assim escutava e aprendia.

A cidade estava tão silenciosa como apenas milhares de soldados aproximando facas contra gargantas conseguiriam. Os generais sabiam que a ira do rei cairia sobre as suas cabeças se o perturbassem — assim, pai e filho caminhavam como se fossem as únicas pessoas vivas no mundo, com poeira, afeto e o pôr do sol lhes trazendo tranquilidade depois do calor do dia.

— A Babilônia já foi o coração de um império, um dos grandes — disse o rei Dario. A voz dele era gentil, mais de professor do que de guerreiro.

O filho ergueu os olhos brilhantes.

— Mas a Pérsia é maior — disse Artaxerxes.

O pai sorriu do orgulho do filho.

— É claro! Em todos os aspectos. A Pérsia é dezenas de vezes maior do que as ambições da velha Babilônia. As fronteiras do meu império não podem ser percorridas a pé durante toda uma vida... ou duas, ou três. Mas ele não me foi dado, menino. Quando mataram o meu pai, a coroa passou para o meu irmão. Ele a tomou antes que as lágrimas secassem no seu rosto... e só governou um mês até ser assassinado.

— E o senhor se vingou de quem o matou — disse Artaxerxes, querendo agradar.

O rei parou e virou o rosto para o sol, fechando os olhos para ver melhor as lembranças.

— Isso. Quando o sol nasceu naquele dia, éramos três, três irmãos. À noite, eu estava sozinho. Salpicado de sangue... mas era rei.

Dario encheu o peito, fazendo os painéis da capa rangerem sobre as sedas finas por baixo. O filho se endireitou em imitação consciente. Artaxerxes não sabia por que o pai o chamara para o seu lado naquele dia nem por que até os famosos guardas Imortais estavam fora de vista. O pai não confiava em ninguém, assim diziam, mas caminhava a sós com o seu herdeiro, o filho mais velho. Com catorze anos, isso enchia Artaxerxes de orgulho e felicidade.

— Os reis precisam de mais de um filho — continuou o pai. — A morte vem depressa demais, como o vento do deserto que se ergue sem aviso. Pode estender a mão quando um cavalo tropeça ou uma faca escorrega. Pode vir de veneno ou traição, de carne

estragada, de febres e dos *jinn*s do ar. Num mundo desses, um rei com apenas um filho é um desafio para os deuses, assim como para todos os seus inimigos.

Dario continuou andando, cruzando as mãos nas costas e fazendo o menino correr para acompanhar. Quando Artaxerxes o alcançou, o pai continuou:

— Mas se esse primogênito, esse menino muito amado, sobreviver para se tornar homem, um jogo diferente começa. Se, então, ele tiver irmãos, tão vitais nos anos passados, são eles os únicos no mundo que podem lhe tirar tudo.

— Ciro? — disse Artaxerxes de repente. Apesar da cautela, apesar do respeito ao pai, a ideia de que o irmão caçula poderia se tornar um inimigo fez seus olhos cintilarem de riso. — Pai, Ciro nunca me faria mal.

O pai girou no mesmo lugar. Os painéis da capa subiram como a carapaça de um besouro prestes a voar.

— Você é meu filho e meu herdeiro. Se for levado, Ciro será rei. Esse é seu... propósito. — O rei se apoiou num dos joelhos e segurou as mãos do menino nas suas. — Você usará minha coroa, eu lhe juro. Mas Ciro... é um guerreiro nato. Só tem treze anos, mas monta tão bem quanto meus próprios guardas. Já viu como o olham? Mês passado, carregaram-no nos ombros pelo pátio do palácio quando ele atingiu um pássaro em voo com uma flecha. — O rei inspirou fundo, querendo que Artaxerxes compreendesse. — Meu filho, amo vocês dois, mas, quando estiver no meu leito de morte, quando o império estiver em silêncio e em prantos, nesse último dia eu o chamarei de volta... e você terá de matá-lo. Porque, se o deixar vivo depois disso, sem dúvida alguma ele o matará.

Artaxerxes viu lágrimas cintilarem nos olhos do pai. Era a primeira vez que via uma demonstração de emoção como essa, e isso o abalou.

— Acho que o senhor está enganado, pai, mas me lembrarei do que disse.

O rei se levantou, a capa rangendo. Estava corado, mas se era por raiva ou por alguma outra emoção era difícil dizer.

— Então lembre-se disso também — ralhou. — Se disser uma só palavra a Ciro, qualquer que seja, sobre esse assunto que me esforcei tanto para manter privado, você estará cortando a própria garganta. Não hoje nem este ano, é claro, enquanto vocês riem e brincam juntos. Ele vai lhe jurar lealdade, e não tenho dúvidas de que o fará com todo o coração. Então chegará o dia em que você cairá, ou em que ele verá que nunca terá a autoridade que quer, não como mero príncipe. Nesse dia, ele virá até você e tomará o trono para si. E, se eu estiver vivo nesse dia, se ele vier até mim depois, mesmo que tenha o seu sangue nas mãos... mesmo assim, eu não terei outro filho, por isso o abraçarei. Entende, Artaxerxes?

— Entendo — disse o filho, sua própria raiva crescendo. — Mas, se o admira tanto, pai, por que não simplesmente me mata aqui na rua e deixa Ciro ficar com o trono? — Antes que o pai respondesse, Artaxerxes continuou: — Porque o senhor não tem outros filhos e poria em risco a sucessão. O senhor é mesmo tão frio assim? Não lhe importa qual de nós será rei?

— Se não me importasse, eu não teria mandado esvaziar meia cidade para caminhar sozinho com você. Está vendo Ciro por aqui? Você foi o filho que tanto esperávamos, meu bravo menino. Não duvido da sua inteligência, da sua sabedoria, Artaxerxes. Você tem meu sangue e será um grande rei.

Dario estendeu a mão e tocou o rosto do filho.

— Vi o meu pai arruinado quando voltou da Grécia. O rei Xerxes venceu os espartanos nas Termópilas, mas depois os seus exércitos foram derrotados em Plateia. Exatamente como o pai dele foi feito em pedaços em Maratona, dez anos antes. Pois não mais!

Jurei quando me tornei rei. Deixamos sangue demais na Grécia, o suficiente para mil anos. Em vez da guerra, o meu reinado preservou a paz — e nos trouxe jardins, vinho, ouro e conhecimentos extraordinários. Há coisas comuns hoje que seriam feitiçaria em outra época. Com você, iremos avançar ainda mais: o maior império que o mundo já conheceu. Se for você. Se os deuses puserem Ciro naquele trono, ele travará guerras de novo, não tenho dúvida. Ele é parecido demais com o meu pai, parecido demais com o pai *dele*.

— Sei lutar, sabe? — disse Artaxerxes, ressentido. — Sei que o senhor não pensa em mim dessa maneira, mas eu sei lutar.

O rei riu e deu um tapinha nas costas do menino. Ele amava o filho demais para feri-lo com discordâncias.

— É claro. Embora os guardas de qualquer agiota saibam lutar. Você é um príncipe, Artaxerxes! Será rei. Portanto, precisa de mais do que um sorriso rápido e uma espada ainda mais rápida. Precisa de outro tipo de força. A partir de hoje. Você não é novo demais para isso.

O rei olhou em volta a rua vazia. Nenhum rosto espiava pelas janelas.

— Lembre-se. No dia em que for rei, você precisa lhe dar um fim. Até então, aprenda com os seus tutores, cavalgue, goze dos prazeres das mulheres, dos meninos e do vinho tinto. Não fale desse dia a ninguém. Você me entendeu?

— Entendi, pai — disse Artaxerxes.

O rosto sério do menino fez o rei sorrir, toda a sua fisionomia mudando, e ele estendeu a mão e despenteou o cabelo do filho.

— Sou mil vezes abençoado.

PRIMEIRA PARTE

1

A montanha aconchegava a cidade como uma mãe com o filho no colo. Antes de subir os degraus até o grande platô, Ciro decidiu levar a sua guarda pessoal ao rio. Os espartanos deixaram as armas e armaduras na margem e se lançaram na água, lavando alegremente o pó e o suor de mais de seiscentos quilômetros.

Do alto do seu corcel, o príncipe sorriu ao vê-los espirrarem água e correrem os dedos pelos cabelos e pelas barbas. A marcha para o leste deixara os seus homens magros como cães de caça, escurecera a sua pele e retesara os tendões dos músculos. Eles não fraquejaram, embora alguns tivessem deixado pegadas de sangue na estrada.

— Meu senhor não mudará de ideia? — perguntou Tissafernes em voz baixa.

Ciro deu uma olhada no velho amigo e tutor. Tissafernes montava um cavalo castrado castanho que bufava e sacudia a cabeça, de linhagem tão boa quando qualquer outro cavalo da Pérsia. O nobre mantinha o olhar sobre os espartanos, a expressão amarga.

— Devo subir os degraus sozinho? — respondeu Ciro. — Devo chegar em casa como um mendigo? Quem sou eu, senão príncipe e filho do meu pai? Esses são os meus guardas. São os melhores.

Tissafernes mexeu a boca como se um dente o incomodasse. O príncipe Ciro tinha vinte e poucos anos, não era mais um jovem tolo. O tutor deixara claras as suas reservas, e mesmo assim ali estavam eles, às margens do rio Pulvar, com homens de Esparta se la-

vando como cavalos, borrifando água para o alto. O príncipe trouxera um velho inimigo até o coração da Pérsia. Tissafernes franziu a testa ao pensar nisso. Ele vira mapas do mundo feitos pelos gregos que pouco sabiam do grande império do leste. Não tinha nenhum desejo de ajudar os espartanos a preencher a localização de Persépolis, menos ainda os túmulos reais ao longo do rio, a apenas meio dia de marcha dali.

— Alguns podem considerar um insulto, Alteza, trazer os mesmos homens que enfrentaram os seus ancestrais, que lhes negaram a terra e o mar. Espartanos! Pelos espíritos deus. Aqui, no coração do mundo! Ah, se o seu pai ainda fosse um homem jovem e estivesse bem de saúde...

— Ele me parabenizaria, Tissafernes — ralhou Ciro, cansado da voz do outro. — Esses homens correram ao meu lado. Não fraquejaram nem pediram descanso. Eles são leais a mim.

— Eles são leais ao ouro e à prata — murmurou Tissafernes.

Ciro trincou os dentes, e os músculos se destacaram.

— Eles nada possuem. Até as suas armas vieram das mãos de pais e tios, ou lhes foram dadas por atos de bravura. Chega disso. Agora não, leão velho.

Tissafernes aceitou a censura e baixou a cabeça.

Os gregos foram rápidos em seus banhos e saíram depressa para ficar nas margens e secar ao sol da tarde. As lavadeiras locais assoviaram e gritaram ao ver tantos homens nus. Um ou dois guerreiros sorriram de volta, enquanto outros se alongavam com exercícios. Não eram feitos para o riso ou a conversa fiada.

Ainda irritado com o seu companheiro, Ciro apeou, tirou o capacete, a túnica e a armadura, as perneiras e a capa, depois descalçou as sandálias, tudo com hábil economia de movimentos. O príncipe não se incomodava com a nudez e entrou na água fazendo

um simples sinal de cabeça para Anaxis, o oficial espartano que observava na margem.

As lavadeiras pararam de gritar ao ver o jovem que usava a barba cacheada como um persa e deixara sobre a capa um capacete marcado com penas de ouro. Talvez não soubessem o seu nome, mas não ousaram gritar para ele. Ciro se lavou na água com um cuidado lento, quase como um ritual, limpando mais do que suor e cheiro de cavalo. Os espartanos na margem ficaram calados em sinal de respeito. Afinal de contas, o príncipe tinha voltado para casa para chorar o pai.

A mensagem chegara a Ciro catorze dias antes, e ele forçara os espartanos quase além do suportável para chegar a tempo. O príncipe trocara os cavalos em tabernas da coroa na grande Estrada Real e cortara caminho por campos arados de trigo e cevada, mas seus homens mantiveram o ritmo, correndo ao seu lado dia após dia, como se não fosse nada. Eram extraordinários, e ele se orgulhava de suas capas vermelhas e da reação dos outros quando descobriam quem eram. A reputação fora conquistada várias e várias vezes.

Naquele lugar, com o frescor do final da tarde sobre eles, Ciro recobrou o ânimo. A cidade de Persépolis parecia quieta, mas não se viam os ritos públicos de luto. As ruas não estavam ladeadas de soldados, nem envoltas em panos de luto, com vasos de madeira de sândalo queimando. Mesmo agora, antes de passar pelos portões do platô acima da cidade, Ciro não podia ter certeza de que o velho ainda vivia. Ele se virou ao pensar nisso, olhando a montanha que seu pai e seu avô tinham feito, a planície imperial que era uma linha verde e cinzenta àquela distância. Falcões selvagens voavam em círculos preguiçosos no ar quente acima dela, procurando pombos gordos nas árvores frutíferas. Aquele terraço real continha palácios, quartéis, teatros e bibliotecas. O pavilhão do pai ficava no centro do

jardim luxuriante que eles chamavam de “paraíso”, o coração verde e secreto do império.

Às margens do rio agarravam-se arbustos baixos, as raízes desgastadas como esculturas lisas. Flores brancas de jasmim apareciam em trepadeiras, enchendo o ar com o seu aroma. O príncipe inspirou profundamente, em pé com água até a cintura, os olhos fechados. Estava em casa.

Os espartanos se secaram rapidamente, batendo no corpo com as capas e correndo os dedos pelo cabelo, resfriado apesar do sol. O príncipe também se refrescara e voltava a se vestir com cuidado. Afiou a armadura sobre a túnica, mas também as grevas espartanas de bronze sobre as canelas, perfeitamente moldadas a ele, de modo que os músculos e a curva da rótula estavam marcados no metal polido. Eram mais úteis aos que caminhavam com escudos do que aos que montavam, mas Ciro gostava de homenagear seus homens dessa maneira. Tissafernes achava que era uma quinquilharia estrangeira e inferior a ele, é claro.

Se não estivesse de volta a casa para o leito de morte do pai, Ciro talvez se divertisse com o jeito como as pessoas da cidade se reuniam para observar os estrangeiros. Os mercadores da feira de frutas vieram andando, enquanto os que eles pagavam para protegê-los olhavam de cara feia. Os gregos de capas vermelhas eram famosos até mesmo ali, embora houvesse nações inteiras e um trecho de alto-mar entre Persépolis e o vale do Eurotas — a três meses e um mundo de distância. Além das capas lendárias, os espartanos usavam grevas de bronze que cobriam as duas pernas do tornozelo ao joelho. Estavam prontos para a guerra, mesmo ao escoltar um príncipe até a sua casa.

Eles tinham arrumado os escudos em pilhas perfeitas e os deixando sem ninguém vigiar enquanto mergulhavam na água, como se não conseguissem imaginar que outro homem roubaria deles. Cada

escudo era marcado com o nome do dono por dentro, e uma única letra mostrava ao inimigo onde Esparta ficava na Grécia: o lambda era a primeira letra da região da Lacedemônia. Cada escudo brilhava de tão polido e era bem-tratado como um amante.

Ao montar no cavalo, Ciro se perguntou se algum dia os que o fitavam conheceriam Esparta como ele. Para as mães que apontavam os guerreiros estrangeiros para os filhos, aqueles eram os mesmos que tinham humilhado várias vezes os Imortais persas e se tornado lendas. Aqueles homens da Grécia tinham esmagado o exército de Dario, o Grande, em Maratona. Foram espartanos que comandaram os soldados gregos contra o rei persa Xerxes nas Termópilas, em Plateia e em Mícale. A Pérsia conquistara quase trinta nações, mas fora rechaçada pela Grécia — e pelos guerreiros de capas vermelhas.

Aqueles dias sombrios estavam num passado distante, embora as lembranças fossem duradouras. Ciro afastou os olhos enquanto seus homens formavam uma fila dupla perfeita, prontos para as suas ordens. Espartanos tinham vindo para vencer Atenas e, por fim, dominar toda a Grécia, mas lutavam por ele porque os pagava — e porque entendia a sua honra. O ouro e a prata que lhes davam para casa, para construir templos, quartéis e arsenais. Eles não ficavam com nada para si, e Ciro os admirava acima de todos os homens — a não ser o pai e o irmão.

— Vamos, leão velho — disse a Tissafernes. — Já me demorei demais. Não vou deixar isso me abater, embora mal possa acreditar que não seja um erro, mesmo agora. Meu pai é forte demais para morrer um dia, não acha?

Ele sorriu, embora a dor fosse clara. Em resposta, Tissafernes estendeu a mão e segurou seu ombro com força, consolando o mais jovem.

— Eu era servo do seu pai trinta anos atrás, antes que o senhor nascesse. Ele tinha o mundo nas mãos naquela época. Mas até os

reis têm apenas um curto período sob o sol. Acontece com todos nós, embora os seus amigos filósofos questionem até isso, tenho certeza.

— Gostaria que você tivesse aprendido grego o suficiente para entendê-los.

Tissafernes fez um som de desdém.

— É a língua dos pastores. Por que eu me incomodaria com a fala dos escravos? Sou persa.

Ele falava a curta distância dos espartanos, mas os homens não deram sinais de terem ouvido. Ciro olhou para o oficial, o que se chamava Anaxis. Fluente nos dois idiomas, nada escapava dos ouvidos de Anaxis, embora fizesse tempo que desprezava Tissafernes como um persa tagarela. Por um brevíssimo momento, os olhos de Ciro encontraram os de Anaxis, que piscou.

Tissafernes viu a expressão do príncipe se aliviar e se remexeu na sela, tentando descobrir o que causara a mudança de humor, quem ousara zombar da sua dignidade. Ele só conseguiu ver que os espartanos estavam prontos para voltar à marcha e balançou a cabeça, resmungando sobre agricultores e estrangeiros.

Os espartanos levavam o escudo às costas nas marchas longas. Embora não corressem perigo, Ciro ordenou o estilo de desfile. Ao marchar por uma das três capitais do Império Persa, eles levariam os discos de madeira e bronze dourado no braço esquerdo, com as longas lanças em riste no direito. Usavam espadas curtas nos quadris, com a famosa cópis pronta na região lombar. Essas lâminas curvas e pesadas eram assustadoras, consideradas antiesportivas pelos inimigos. Os espartanos riam desse tipo de reclamação.

O elmo de bronze que usavam cobria a barba e as grossas tranças de cabelo que pendiam até os ombros. O elmo escondia a exaustão e as fraquezas dos homens, deixando o aspecto frio de estátuas. Esconder os traços do rosto na sombra era só uma das coisas que os

tornavam tão temidos. A reputação significava algo mais. Levar as armas e o escudo de um pai ou avô, mais ainda.

Quando o rio ficou para trás, Ciro e Tissafernes levaram suas montarias pelas ruas, a multidão se abrindo à frente, dando-lhes espaço. Um silêncio arrepiante caiu, tanto do povo da cidade quanto dos homens que marchavam por ali.

— Ainda acho que o senhor deveria ter deixado seus mercenários para trás, Alteza — murmurou Tissafernes. — O que o seu irmão dirá quando vir que os gregos foram escolhidos em vez dos persas?

— Sou príncipe e comandante dos exércitos do meu pai. Se o meu irmão disser alguma coisa, será que a minha dignidade é a honra da nossa linhagem. Os espartanos são os melhores do mundo. Quem mais conseguiria nos acompanhar nessas últimas semanas? Vê algum Imortal aqui? Os meus servos? Um dos meus escravos *morreu* no caminho, tentando me acompanhar. O resto ficou para trás. Não, esses homens conquistaram o seu lugar ao meu lado por ficarem ao meu lado.

Tissafernes baixou a cabeça como se aquiescesse, embora estivesse irritado. Ciro tratava os espartanos como homens de verdade, e não como os cachorros loucos que eram. O general persa sabia, sem virar a cabeça, que alguns o observavam enquanto marchavam. Eles não confiavam em ninguém que se aproximasse do seu senhor, como vira-latas que ameaçassem e rosnassem. Ainda assim, não demoraria muito. Os dois cavaleiros conduziram os espartanos morro acima, seguindo a estrada até a grande escadaria que os levaria mais alto até o platô do rei persa.

Os grandes degraus tinham sido cortados largos e baixos para permitir que o rei permanecesse montado ao voltar de uma caçada. Ciro e Tissafernes levaram as montarias à frente, e, em fileiras tilintantes, os espartanos os seguiram. Ciro sentiu os olhos dos Imortais

do pai sobre ele quando se aproximou do estreito portão da muralha externa. Seu pai gastara o tesouro de nações no platô, tanto para aprofundar o corte na face da montanha quanto em todos os luxos que havia lá dentro. Embora fosse o jardim de um império, também era uma fortaleza, com guarda permanente de dois mil homens.

O último degrau terminava à porta, e não havia lugar para o inimigo se reunir e atacar. Ciro sentiu a luz mudar quando oficiais persas bloquearam o sol lá em cima, fitando o seu grupo embaixo — especificamente os espartanos nos degraus mais atrás, cada homem carregando quatro armas. Ciro mostrou o rosto neutro quando olhou para o alto das muralhas, douradas pela luz do sol poente.

— Sou o príncipe Ciro, filho do rei Dario, irmão do príncipe Artaxerxes, comandante dos exércitos da Pérsia. Em nome do meu pai, abram essa porta para que eu possa vê-lo.

Eles o deixaram esperando por mais tempo do que ele esperava, e Ciro começou a corar. Seu mau humor crescente cedeu quando ele ouviu correntes e travas sendo removidas e o portão se abriu, revelando um longo pátio à frente. Ele engoliu em seco, decidido a não demonstrar medo. Nisso, ele e os espartanos combinavam bem.

Sem apelar, Ciro e Tissafernes levaram seus cavalos para o pátio ensolarado. A luz ficava mais suave a cada hora, baixando suavemente para a noite de verão. Ciro sabia que finalmente estava em casa, que devia relaxar e aguardar para ver o pai. Ainda não tinha certeza de como o velho reagiria a ele, nem ele ao Grande Rei. Sentia-se inseguro diante daquela perda que se precipitava sobre ele. Nem a força de todos os exércitos do mundo manteria o pai ali mais um dia se a sua hora chegasse. Esse desamparo é que fazia Ciro tremer, não o campo de morte onde entrara.

As defesas do platô não eram apenas os homens nas muralhas externas, mas também os funis pelos quais os atacantes teriam de

passar. Se, de alguma forma, os invasores alcançassem os degraus e arrombassem o portão, cada lado da fortaleza era separado do outro. As forças inimigas só conseguiriam se reunir depois de passar por dois pátios compridos e estreitos, abertos para o céu.

Ciro e Tissafernes não hesitaram e cavalgaram até o fim do campo de morte. Cinquenta fileiras de seis espartanos seguiram em perfeita ordem, a base das lanças descansando no chão empoeirado quando pararam diante de um portão ainda maior à frente.

Atrás deles, o portão externo foi fechado e travado. Mais de um espartano franziu a testa ao ver que estavam presos num lugar onde não poderiam manobrar. Havia plataformas de pedra correndo em volta de todo o pátio, da altura de dois homens em relação ao piso abaixo. O seu propósito não era óbvio, e Anaxis, o oficial espartano, segurou a lança com mais força. Ele sentiu os olhares hostis dos guardas persas, mais acostumados a demonstrar elegância com seus painéis polidos do que ao verdadeiro combate.

Na frente, Cyrus e Tissafernes se entreolharam e apeararam. Anaxis tentou não espichar o pescoço para ver quem viera recebê-los, já que a conversa fora bloqueada de seus olhos pelos cavalos. Ele não gostou disso. Seu dever era proteger Cyrus e, talvez, o velho gordo também. Mas não foram dadas ordens para se manterem alertas ou atentos a uma ameaça. Anaxis sabia que estava na cidadela de um antigo inimigo, mas também era o guarda pessoal de um dos seus príncipes, um homem que ele admirava bastante pela franqueza e pela falta de afetação. Sem dúvida, para um persa, o príncipe era dos bons. Cyrus não mostrara medo nem nada além de preocupação com o pai. No entanto, Anaxis se viu erguendo os olhos para as plataformas de pedra em torno deles, quase como os longos bancos de um teatro ateniense. Os persas eram arqueiros quase decentes, ele sabia. Os espartanos não gostaram da ideia de serem vigiados de cima, não naquele lugar.

Nenhum desses pensamentos era aparente em seu rosto, que permanecia oculto à sombra do elmo. Anaxis estava imóvel como uma estátua de bronze enquanto Ciro e Tissafernes falavam em voz baixa à frente. Mesmo assim, ficou contente quando uma das montarias se mexeu e permitiu que ele visse o príncipe.

Ciro se virou para o espartano às suas costas, o rosto rígido e sério.

— Meu irmão deu ordens para que eu entre nos jardins reais sem guardas — disse ele.

Ciro parecia prestes a falar de novo, mas balançou a cabeça. Mal foi um sinal, embora Anaxis sentisse o coração se apertar.

— Talvez o seu irmão não se importe se eu o acompanhar — disse Anaxis.

Ciro sorriu para ele.

— Meu amigo, se houver traição, um homem a mais não faria diferença.

— Sempre faço diferença — disse Anaxis, muito sério.

— É verdade, mas tenho de confiar na honra do meu irmão. Ele é o herdeiro do trono, e não lhe dei razões para duvidar de mim.

— Esperaremos aqui até que o senhor retorne — disse Anaxis, apoiando-se num joelho.

Ele falou como um juramento, e Ciro baixou a cabeça antes de fazer o homem se levantar.

— Obrigado. Você me honra com o seu serviço.

Ciro se virou e viu que Tissafernes observava com uma expressão desdenhosa e apontava o portão que levava mais profundamente para o platô real. Além daquele pátio comprido ficavam os primeiros jardins, plantados em terra trazida das planícies e cuidados por mil escravos. Árvores tinham sido plantadas ali, formando avenidas sombreadas, com macaquinhos minúsculos caçando passarinhos de galho em galho e o ar denso com o aroma de jasmim e ramos verdes.

Ciro ignorou o pequeno senescal que veio recebê-lo, ainda sem saber se a posição do homem seria um insulto ou não. Seu irmão Artaxerxes seria encontrado ao lado do pai, é claro. Não significava nada que enviasse um mero criado para acompanhar Ciro pelos jardins.

Tissafernes parecia livrar-se dos cuidados e tensões da jornada enquanto andava, inspirando profundamente fragrâncias que conhecia bem e quase crescendo ao alongar as costas e ficar mais ereto. Ele conhecia Ciro a vida inteira e foi seu mentor e amigo durante boa parte dela. Mas os dois tinham pontos de vista muito diferentes. Ciro amava pessoas, não havia outra maneira de descrever. Elas eram a sua paixão, e ele colecionava amigos como outros homens ganhariam moedas. Comparado ao príncipe, Tissafernes mal conseguia esconder seu desagrado com multidões e soldados suados.

Eles andaram uma hora por caminhos tão sinuosos que um estranho se perderia uma dúzia de vezes. Ciro conhecia todos eles desde a infância e seguia o senescal com a mínima concentração. O pavilhão do pai ficava no outro lado do platô, cercado de palmeiras e escravos, todos esperando o seu último suspiro. Ciro sentiu a garganta se apertar enquanto andava, ouvindo as vozes chorosas das mulheres do pai.

Anaxis ergueu os olhos ao primeiro raspar de sandália na pedra acima. Os espartanos tinham ficado em silêncio durante cerca de uma hora, seguindo o seu exemplo. Anaxis praguejou entre dentes quando viu a tropa de soldados persas sair e encher as plataformas nos dois lados. Usavam armadura preta ornamentada e traziam arcos cravejados de pedras preciosas, como os guardas de uma peça teatral ou talvez de uma porta de bordel. A seus olhos, pareciam crianças que tinham enlouquecido com o tesouro de um rei.

O oficial persa usava plumas pretas e brancas, que balançavam com o vento, muito mais grandiosas do que tudo o que Anaxis já vira em casa. A pele do homem brilhava com óleo e suas mãos com pedras preciosas. Ele não portava nenhum arco, apenas uma espada curta numa bainha de ouro que, por si só, devia valer uma pequena cidade. Anaxis ergueu as sobrancelhas ao pensar nisso. Havia saque e pilhagem naquele lugar. Valia a pena recordar essas coisas.

— Preparar escudos — disse Anaxis com clareza.

Muitos homens tinham guardado os escudos nas costas ou os deixado apoiados contra as pernas. Eles o pegaram mais uma vez, sombrios com o mesmo desagrado de Anaxis. Nenhum deles se sentia à vontade com arqueiros em pé numa posição superior enquanto eles se amontoavam num campo de morte abaixo.

Anaxis mirou as paredes de pedra com novos olhos, vendo como eram lisas. Acima de sua cabeça, três filas de arqueiros persas pararam à esquerda e à direita, talvez tantos no total quanto os que os observavam taciturnos embaixo.

O oficial emplumado desceu por um caminho estreito no canto e parou com metade da sandália para fora da borda de pedra, de modo que Anaxis viu a sola cravejada. Por algum tempo, ninguém se moveu, e o ar ficou parado, sem nenhuma brisa para lhes dar alívio. As sombras tinham se deslocado alguma distância desde que o príncipe e Tissafernes continuaram portão adentro, mas a luz do fim da tarde não parecia ter mudado. Embora fizesse calor, Anaxis sentiu os testículos se apertarem. Os homens que olhavam os espartanos de cima sorriam enquanto tocavam as suas armas. Tinham encordado os arcos, ele notou. Embora vestissem a armadura cerimonial da corte real, estavam equipados para o massacre. Ele coçou a barba.

— Seria muito difícil subir naquela plataforma? O que você acha? — perguntou ao amigo Cínis.

Em tempos normais, Cínis era um homem robusto, devidamente orgulhoso da sua força. Catorze dias correndo por estradas arenosas o deixaram mais esguio e ameaçador. Ele deu de ombros.

— Se dois homens segurarem um escudo na horizontal, assim...
— Ele segurou o seu pela borda — Um terceiro poderia ser facilmente levantado. Acha que vão atacar?

— Acho — disse Anaxis.

Ele ergueu a voz para o resto, sabendo que era improvável que alguém lá em cima entendesse uma palavra de grego.

— Alguém decidiu nos atacar, ao que parece. Portanto, escudos prontos para erguer sobre a cabeça. Grupos de três. Não se mexam, a menos que sejamos atacados, mas, se formos, quero homens pulando sobre eles. Gosto deste lugar. Acho que devemos defendê-lo até o retorno do príncipe Ciro.

— Ou lutar para abrir caminho até o rio e ir embora — murmurou Cínis.

Anaxis fez que não, como o amigo sabia que faria. Ele dera a sua palavra. Não sofreria a vergonha de Ciro voltar e descobrir que abandonara o seu posto. Cínis deu de ombros com uma raiva crescente quando viu os primeiros arcos se curvarem.

Acima da cabeça deles, o oficial persa inspirou fundo para dar uma ordem. Cínis ergueu o escudo, o outro lado imediatamente segurado por outro. Os seus olhos se encontraram furiosos com a traição.

O oficial emplumado gritou, e os arcos persas se curvaram inteiramente, o barulho como um bater de asas quando as primeiras flechas mergulharam entre eles. Enquanto elas caíam, Anaxis pulou no escudo com uma dúzia de outros em toda a extensão do pátio. Cada um daqueles homens foi lançado para cima, caindo entre os arqueiros espantados. Anaxis chegou em seu meio com a lança e a lâmina da cruel cópis prontas, rindo do seu pânico.